

# EDUCAÇÃO EMOCIONAL E ÉTICA DO CUIDADO: CAMINHOS AUTOFORMATIVOS E A (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

EMOTIONAL EDUCATION AND ETHICS OF CARE: SELF-FORMATIONAL PATHS  
AND THE (RE)CONSTRUCTION OF TEACHER IDENTITY

**BEATRIZ MENEGAZ**

Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai, IDEAU, Getúlio Vargas, RS, Brasil  
Mestra em Educação. E-mail: [biamenegaz4@gmail.com](mailto:biamenegaz4@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-8860-6389>

**ADRIANA SALETE LOSS**

Universidade Federal Fronteira Sul, Erechim, RS, Brasil  
Doutora em Educação. E-mail: [adriloss@uffs.edu.br](mailto:adriloss@uffs.edu.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-5576-0929>

Submissão: 03-10-2025 - Aceite: 14-10-2025

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão aprofundada sobre a integração da Educação emocional e formação docente, focando na promoção de processos autoformativos e na (re) construção da identidade profissional. Essa compreensão da docência como uma travessia existencial e um processo complexo, contínuo e profundamente humano, que transcende a mera aquisição de técnicas e habilidades didáticas. A Educação Emocional é apresentada como uma urgência incontornável, tanto na formação inicial quanto continuada, que permite ao professor compreender e regular suas emoções, fortalecendo sua saúde mental e sua capacidade de construir relações pedagógicas significativas. A literacia emocional, definida como a capacidade de reconhecer, compreender, expressar e lidar com as emoções de forma construtiva, emerge como uma competência indispensável para uma prática educativa sensível, empática e humanizada. A ética na perspectiva do cuidado das relações humanas configura-se como o fundamento de uma pedagogia sensível e humanizada, especialmente em tempos marcados pela fragilidade subjetiva e pela intensificação das demandas burocráticas no contexto escolar. Por fim, o estudo analisa caminhos formativos que favoreçam o cuidado de si, do outro e da profissão, compreendendo o educador como sujeito em constante transformação. A docência é um processo contínuo e relacional, em que o professor se forma ao formar, cuidando de si e do outro. O estudo destaca a relevância da integração da Educação Emocional e da ética na formação docente, pois essa abordagem enriquece a prática educativa, fortalece a consciência emocional do professor e favorece relações mais humanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação Docente; Educação Emocional; Ética do Cuidado.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

**ABSTRACT:** This article proposes an in-depth reflection on the integration of emotional education and teacher training, focusing on the promotion of self-training processes and the (re)construction of professional identity. This understanding of teaching as an existential journey and a complex, continuous, and deeply human process transcends the mere acquisition of teaching techniques and skills. Emotional education is presented as an unavoidable urgency, both in initial and continuing training, which allows teachers to understand and regulate their emotions, strengthening their mental health and their ability to build meaningful pedagogical relationships. Emotional literacy, defined as the ability to recognize, understand, express, and deal with emotions constructively, emerges as an indispensable skill for sensitive, empathetic, and humanized educational practice. Ethics from the perspective of caring for human relationships is the foundation of sensitive and humanized pedagogy, especially in times marked by subjective fragility and intensified bureaucratic demands in the school context. Finally, the study analyzes training paths that favor care for oneself, others, and the profession, understanding the educator as a subject in constant transformation. Teaching is a continuous and relational process, in which the teacher is trained while training others, taking care of themselves and others. The study highlights the importance of integrating emotional education and ethics into teacher training, as this approach enriches educational practice, strengthens teachers' emotional awareness, and promotes more humane relationships. Teachers are trained while training others, taking care of themselves and others.

**KEYWORDS:** Teacher Training; Emotional Education; Ethics of Care.

## Introdução

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (Eduardo Galeano, 1994).

**E**m um cenário altamente tensionado entre o ser e o fazer, propõe-se uma pausa para pensar. Como escreveu Galeano, é preciso continuar a caminhar, nem que, inicialmente, de forma utópica. A construção formativa do professor precisa ser constante. Em meio ao vasto arsenal de propostas formativas, torna-se urgente repensá-la sob novos rumos. Refletir sobre a ética do cuidado e das emoções, nessa perspectiva, evoca a necessidade de imaginar um novo modelo de formação, mais sensível e integral.

A formação docente, no cenário contemporâneo, ultrapassa os limites da aquisição técnica de conteúdos e habilidades didáticas. Trata-se de um processo complexo, contínuo e profundamente humano, no qual se entrelaçam dimensões emocionais, éticas, relacionais e identitárias. Assim posto, o presente escrito busca evidenciar a Educação Emocional e a Ética do Cuidado aliadas a caminhos autoformativos de reconstrução da identidade docente.

Compreender a docência como uma travessia de autoformação implica reconhecer que o professor é, antes de tudo, sujeito de sua própria história, agente de sua transformação e construtor de significados em meio à prática cotidiana. Josso (2007) propõe que toda história de vida carrega, em si, um projeto formativo. Essa compreensão convoca o educador a revisitar

continuamente sua trajetória, reinterpretar vivências e abrir-se ao devir formativo que lhe é próprio.

Tardif (2014), ao afirmar que o professor não é mero executor de saberes, mas sujeito que confere sentido à sua prática, reforça a centralidade da dimensão identitária na formação docente. A identidade profissional é construída no exercício cotidiano da docência, marcada por experiências que constituem o ethos do professor e definem a sua presença no mundo.

Nesse processo, os saberes docentes revelam-se não apenas técnicos ou científicos, mas principalmente experienciais, subjetivos e relacionais. Eles formam-se nas interações com os estudantes, nos conflitos enfrentados, nas escolhas éticas cotidianas e na escuta sensível de si e do outro. Conforme Tardif (2014), esses saberes são plurais, dinâmicos e singulares, carregando a marca do sujeito que os produz e reinscreve-os em sua prática.

A docência é, portanto, uma profissão relacional por excelência, que exige mais do que domínio de conteúdos: exige presença, escuta, sensibilidade, abertura ao outro. Em tempos marcados pela sobrecarga emocional, pelo esvaziamento de sentido e pela desvalorização da dimensão humana da educação, torna-se urgente repensar os processos formativos sob a perspectiva do cuidado e da educação das emoções.

As emoções, longe de serem obstáculos, são forças que mobilizam o educador, iluminam caminhos e despertam a consciência para o que é essencial. A Educação Emocional permite ao professor compreender e regular as suas emoções, fortalecendo a sua saúde mental e a sua capacidade de construir relações pedagógicas significativas. Vincular essa dimensão à Ética do Cuidado é promover uma formação centrada na empatia, na responsabilidade e na alteridade.

Trata-se de formar professores que, além de competentes tecnicamente, sejam éticos e afetivos; que saibam justificar as suas ações com argumentos, mas também com sentimentos; que pensem e sintam; que sejam capazes de acolher a si e ao outro com respeito e compromisso. A literacia emocional, nesse contexto, surge como competência indispensável para uma prática educativa que valorize o humano como centro do processo formativo.

Nesse cenário de tensões e da necessidade de novos rumos para a formação docente, a Educação Emocional emerge como uma urgência tanto na formação inicial quanto continuada. Longe de serem obstáculos, as emoções são forças que mobilizam o educador e iluminam seu caminho, sinalizando necessidades, limites e possibilidades de crescimento. Ao permitir que o professor compreenda e regule suas próprias emoções, essa abordagem fortalece sua saúde mental e sua capacidade de construir relações pedagógicas significativas, aspectos cruciais em tempos de fragilidade subjetiva e intensas demandas burocráticas no contexto escolar. A literacia emocional, entendida como a capacidade de reconhecer, compreender, expressar e lidar com as emoções de forma construtiva, revela-se, assim, uma competência indispensável para uma prática educativa sensível, empática e humanizada.

Integrar essa dimensão emocional à Ética do Cuidado configura-se como o fundamento de uma pedagogia que valoriza as relações humanas e o bem-estar do outro. A docência, por sua natureza, é uma profissão relacional por excelência, que exige não apenas o domínio de conteúdos, mas presença, escuta, sensibilidade e abertura ao outro. Nesse sentido, a compreensão do educador como sujeito em constante transformação, que se forma ao formar, cuidando de si e do outro no ato de educar, é intrínseca aos caminhos autoformativos e à (re) construção da identidade

profissional. Reconhecer a docência como uma travessia contínua e profundamente humana é, portanto, essencial para cultivar um ambiente de aprendizado mais empático e humanizado, capaz de enfrentar os desafios contemporâneos da educação e promover o desenvolvimento integral do professor.

## Metodologia

Para a realização do presente estudo, buscou-se aproximar as perspectivas teóricas e as práticas relacionadas aos temas em foco: Educação Emocional, formação docente e ética do cuidado, por meio de uma pesquisa bibliográfica. Esse caminho permitiu articular, a partir da leitura e revisão de textos de autores reconhecidos diferentes dimensões do conhecimento, contribuindo para o enriquecimento da prática pedagógica e o estímulo a processos de autoformação.

Compreende-se que a pesquisa é um processo permanentemente inacabado, sustentado em saberes já construídos, mas sempre aberto a novos olhares e interpretações. Para tal, foi necessária uma abordagem qualitativa, capaz de explorar o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos.

Conforme assinala Minayo (2001), a pesquisa qualitativa se caracteriza pela objetivação do fenômeno e pelo seu caráter interpretativo, permitindo ao pesquisador aproximar-se da realidade de maneira sensível e aprofundada. Mais do que medir ou quantificar dados, essa abordagem busca compreender as experiências, significados e contextos que os sujeitos atribuem ao fenômeno investigado.

Essa escolha metodológica, focada na pesquisa qualitativa e bibliográfica, mostrou-se alinhada à complexidade dos temas abordados, que transcendem a mera aquisição de técnicas e habilidades didáticas. Ao priorizar a compreensão aprofundada das experiências, significados e contextos atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno investigado, a pesquisa permitiu captar as nuances da travessia existencial da docência, mergulhando nas dimensões emocionais, éticas e identitárias que se entrelaçam na formação do professor.

O texto organiza-se em seções que englobam os seguintes eixos centrais: Educação Emocional na formação docente, ética do cuidado como prática pedagógica e autoformação e identidade docente: um percurso existencial. Ao longo da proposta, são utilizados referenciais teóricos rigorosos e sólidos reconhecidos no campo científico, dentre esses, destacam-se: Josso, Loss, Tardif, Boff e Baptista.

## Resultados e reflexões pertinentes

### Educação Emocional na formação docente

As emoções são faróis que nos impelem a continuar, a persistir, a olhar para o que, de outro modo, nos passaria despercebido (Sobral, C., Caetano, A. P., e Freire, I. 2018).

A integração da Educação Emocional nos processos formativos docentes configura-se como uma urgência incontornável, tanto na formação inicial quanto na continuada. Apesar de sua importância nas relações pedagógicas e no bem-estar do educador, as dimensões emocionais, sociais e psicológicas ainda são tratadas de forma periférica nos currículos tradicionais de formação. Essa negligência evidencia a necessidade de reposicionar as emoções como componentes estruturantes da identidade docente, reconhecendo o seu potencial formativo e transformador.

Nesse contexto, a Educação Emocional propõe-se como um caminho para a autoformação, ao favorecer o desenvolvimento de competências como a autorreflexão, a autopercepção e a sensibilização. Ao ampliar a consciência de si e do outro, contribui para uma prática pedagógica mais ética, empática e significativa. As emoções, conforme descrito no excerto que abre a presente seção, atuam como “faróis” que iluminam o percurso docente, sinalizando necessidades, limites e possibilidades de crescimento. Valorizar as emoções como mediadoras do agir pedagógico implica compreender o seu impacto direto na qualidade das interações educativas e na constituição da identidade profissional do educador.

Boff (2004, p. 50) recorda um aspecto aparentemente óbvio e comum, mas de profunda relevância: o ser humano é o único, entre todos os seres vivos, capaz de sentir, despertar sentimentos, emocionar-se, envolver-se, sensibilizar-se, afetar e ser afetado. O sentir, aqui mencionado, é não apenas um caminho potente, mas também uma necessidade intrínseca à existência. E, como toda capacidade humana, requer ser educada, não para ser moldada ou endurecida, mas para ser ampliada, cultivada e contemplada com novos olhares, capazes de perceber sua beleza e potência transformador.

A gestão pedagógica das emoções, portanto, torna-se indispensável para a saúde emocional do professor e, por consequência, dos estudantes. Quando os processos de regulação emocional são compreendidos e cultivados, é possível expressar sentimentos de forma consciente, assertiva e respeitosa no contexto escolar. Tal habilidade favorece a criação de um ambiente relacional acolhedor, propício à aprendizagem e ao fortalecimento dos vínculos humanos.

A literacia emocional surge aqui como um conceito oportuno à deliberação, que foi introduzido por Steiner (1997), traduzindo-se na capacidade de compreender as próprias emoções, de ouvir os outros, de ter empatia com as suas emoções e de exprimir emoções de modo produtivo. Mais do que controlar as emoções, trata-se de reconhecê-las como parte indissociável do processo educativo e como recursos de aprendizagem e convivência, compreendendo o professor como sujeito que sente, age e transforma-se em diálogo com a sua história de vida e com os contextos que o atravessam.

Inserir a Educação Emocional na formação docente é, dessa forma, adotar uma nova perspectiva sobre o papel do educador: não mais como um técnico neutro, mas como um ser relacional, afetivo e ético. A docência exige escuta, sensibilidade e presença, qualidades que se desenvolvem e fortalecem a partir da consciência emocional. Formar professores emocionalmente conscientes é investir em uma educação mais humana, mais conectada com a vida e mais atenta às singularidades de cada sujeito envolvido no processo de ensinar e aprender. As emoções são fundamentais na construção da identidade (Day, 2004).

Nessa direção, Loss (2023) discute a importância da Educação Emocional no contexto educacional, enfatizando que a afetividade é fundamental para o desenvolvimento humano. A autora argumenta que as emoções influenciam a aprendizagem e as interações sociais, sendo

essenciais para a formação de vínculos e a construção do conhecimento. Além disso, destaca a necessidade de integrar a Educação Emocional no currículo escolar, promovendo um ambiente que valorize a expressão e a comunicação afetiva, empática e humanizadora.

## Ética do cuidado como prática pedagógica

Quem educa marca o corpo do outro (Dowbor, 2008).

A ética do cuidado constitui-se como um princípio orientador fundamental da prática docente, atravessando dimensões de responsabilidade, empatia e sensibilidade nas relações interpessoais e profissionais. Essa abordagem ética compreende o ato educativo como um exercício de atenção, compromisso e respeito pelo bem-estar do outro. Mais do que impor obrigações morais abstratas, busca compreender quais atitudes promovem um bom caráter e como ações corretas emergem de motivações baseadas no cuidado genuíno.

Por sua natureza, a docência é uma profissão humanizadora, não se limita a prestar um serviço, mas envolve uma relação profundamente implicada na formação integral dos sujeitos. Ela é, essencialmente, uma prática ética, pois incide diretamente sobre a constituição da subjetividade dos estudantes na condição de pessoas e cidadãos, podendo afetar, positiva ou negativamente, a sua identidade e dignidade.

Dowbor (2008) afirma por meio de sua obra: *Quem educa marca o corpo do outro*, que aprendemos porque somos seres humanos e nos tornamos humanos através do ato de conhecer o mundo. Essa premissa é o cerne para entender que a forma de aprender está marcada intrinsecamente pela maneira como o ser humano é marcado pelos primeiros contatos com o mundo das coisas e com o mundo das pessoas.

Nesse contexto, o cuidado emerge como a premissa fundamental para a humanização, para a construção de relações autênticas e para a sustentabilidade da vida em todas as suas dimensões, desde o íntimo do ser até o planeta. É através do cuidado que se busca o equilíbrio entre as polaridades da existência, permitindo que a vida se torne uma constante descoberta e transformação.

A inserção da Educação Emocional na formação docente fortalece não apenas o desenvolvimento pessoal e profissional do educador, mas também favorece uma prática pedagógica mais sensível e comprometida com a construção de ambientes educativos mais humanos. A ética do cuidado reconhece que sentimentos e emoções são dimensões constitutivas da experiência humana e que devem orientar, e não contrariar, a racionalidade.

Leonardo Boff (2004) defende que o cuidado é o *ethos* fundamental humano, a essência do ser. Cuidar, nessa ótica, é mais que um ato, é uma atitude, que abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro, baseada na intimidade, acolhimento, respeito e comunhão com o valor intrínseco das coisas. Cuidar é assim, a essência fundamental do ser humano. Para Boff, o cuidado não é apenas um ato ou uma virtude, mas um modo-de-ser essencial que precede e estrutura toda a existência humana. Sem o cuidado, o ser humano desestrutura-se, define-se, perde sentido e morre.

O cuidado configura-se como um modo de ser no mundo, uma condição fundamental de existir, construir e experienciar a dimensão estética do humano. (Boff, 2004, p. 95) reconhece esse modo de ser ao aproximá-lo da alteridade, do respeito e da subjetividade de estar e viver no mundo. No campo educacional, a concepção do cuidado ganha relevância quando possibilita aos educadores desenvolver um olhar sensível e apurado para si e para o outro, elemento essencial para que o processo educativo se mantenha humanizado. Trata-se de um resgate urgente e necessário para que a educação possa trilhar novos caminhos, sobretudo em um contexto escolar marcado por ritmos acelerados e por padrões burocráticos que, muitas vezes, sufocam a essência das relações pedagógicas.

Distanciando-se das éticas tradicionais que priorizam o dever e a imparcialidade, a ética do cuidado valoriza a receptividade, a sensibilidade e a relação com o outro. Para que o professor possa agir eticamente, é imprescindível que conheça a si mesmo, os seus valores, preconceitos, emoções e limites. O autoconhecimento é, assim, a base para um comportamento pedagógico justo, sensível e atento.

Dessa forma, uma das potentes obras de Loss (2017) intitulada como Formação de Professores/Educadores (Auto)Formação pessoal, social e profissional, é o primeiro volume de uma coletânea de três volumes e aprofunda as análises e leituras interpretativas e conceituais iniciadas durante o seu pós-doutoramento, realizado no Brasil e em Portugal. Esta obra propõe uma formação continuada holística para educadores e professores, na qual as dimensões pessoais, interpessoais e profissionais são integradas. Na ótica da autora, a formação docente precisa estar ancorada em três eixos de cuidado, mencionados na sequência:

**Cuidado de si:** Desenvolvendo a consciência emocional, o equilíbrio afetivo e o bem-estar subjetivo do educador. Este eixo é um intenso processo de autoanálise e autoconhecimento, que convida o educador a uma jornada interior, explorando suas vivências mais luminosas de alegria e autorrealização, bem como as experiências mais sombrias de sofrimento e medo. A formação holística visa integrar as dimensões pessoais, interpessoais e profissionais do educador. A autoformação é vista como um caminho sem fim, que permite a sensibilização, conscientização e responsabilização, e a aprendizagem do caminhar para si e para o outro.

O autoconhecimento é primordial para o equilíbrio das emoções, sentimentos e pensamentos, promovendo a responsabilização pelas ações e atitudes na vida individual e coletiva, o que se revela como uma dimensão ética.

**Cuidado do outro:** Promovendo relações éticas e empáticas com os estudantes e a comunidade escolar. Nesse campo, o caminhar para si com o outro é a essência do saber cuidar e da construção da ética nas relações humanas. Nessa perspectiva, os cursos de formação devem promover as relações humanas para o diálogo intercultural, individual e coletivo, e para a sensibilização, através da troca de experiências e reflexão usando diversas linguagens (oral, corporal, escrita, artística).

**Cuidado com a profissão:** Assumindo o compromisso com uma prática pedagógica crítica, ética e transformadora. A formação profissional exige que os professores se preparem para um trabalho de autorreflexão e autoanálise, pois é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais, uma vez que ensina-se aquilo que se é.

Em suma, a tríade de cuidado de Loss (2017) está profundamente alinhada com a ideia de que o autoconhecimento é a base para um comportamento pedagógico justo, sensível e atento. Nessa condição, o cuidado é visto como uma premissa fundamental que entrelaça o ser, o agir e o ensinar e, por essa razão, é capaz de sustentar práticas educativas mais humanas, conscientes e transformadoras. A formação proposta busca romper com a visão fragmentada e tecnicista do currículo, promovendo um desenvolvimento integral do ser humano do educador para que ele possa, por sua vez, humanizar a educação. Nessa perspectiva, o cuidado assume-se como premissa fundamental, como um fio condutor que entrelaça o ser, o agir e o ensinar, e por essa razão é capaz de sustentar práticas educativas mais humanas, conscientes e transformadoras.

Valorizar a dimensão humana do educador e reconhecer as emoções que permeiam sua vivência cotidiana são aspectos centrais para aprofundar a discussão sobre a ética do cuidado no campo educacional. Desenvolver competências emocionais aliadas à ética do cuidado é vital num cenário em que a vulnerabilidade é inerente à condição humana. A capacidade de cuidar e de se deixar cuidar exige o reconhecimento dessa vulnerabilidade e a superação das armaduras emocionais que nos afastam da escuta sensível e do vínculo autêntico.

Nessa direção, é importante destacar que os educadores, no exercício de sua prática, “confrontam-se diariamente com situações, problemas e dilemas que, pela sua singularidade, exigem não apenas sólida preparação técnica e científica, mas também uma postura profundamente ética” (Baptista, 2005, p. 27). A complexidade desses desafios é ampliada pelo reconhecimento da pluralidade e da diversidade do humano, o que convoca a refletir sobre um conjunto de exigências éticas relacionadas tanto à necessidade quanto ao desejo de viver em comunidade com os outros (Baptista, 2005).

Aprender a viver com os outros, a conviver, implica fazer da partilha, do diálogo e da ajuda mútua, sinais quotidianos de uma cidadania activa. O convívio é gerador de sentimentos, de afectos, de ideias, de memórias, de desejos e de valores. Como tal, ele pode, também, ser gerador de conflitos, de frustrações e de riscos. Outra das tarefas da educação está precisamente aí, no ensinar a aprender a integrar a frustração, a dor, e até o medo, numa identidade progressivamente adulta (Baptista, 2005, p. 47).

Nesse viés, os educadores, situados na fronteira entre o pessoal e o profissional, necessitam de referências éticas e valores que sirvam de apoio para construir um espaço de reflexão e de prática profissional fundamentada no compartilhamento e na colaboração (Baptista, 2005). Por isso, existe a importância da formação continuada a partir de processos autoformativos, com foco no cuidado de si, cuidado do outro e cuidado da profissão.

A dimensão ética do trabalho docente articula-se, ainda, com outras três dimensões fundamentais (Rios, 2001): a dimensão técnica que se acha relacionada ao domínio dos saberes específicos da área de atuação e à habilidade de (re)construí-los em colaboração com os estudantes. A dimensão estética que está ligada à presença da sensibilidade e da criatividade na relação pedagógica e a dimensão política que se refere à participação ativa na construção de uma sociedade mais justa e ao exercício consciente da cidadania.

Se, no campo da moral, a pergunta central é “O que devemos fazer?, no âmbito da ética, a questão torna-se mais profunda: Que vida queremos viver?. Essa interrogação exige que se reflita sobre o trabalho docente, se está efetivamente criando condições para a construção de

uma vida digna e feliz; se as aulas constituem espaços de liberdade, sensibilidade, ampliação de saberes e de escuta verdadeira.

#### Autoformação e Identidade Docente: Um Percurso Existencial

Tornar-se formador, no que isso implica de reflexão sobre nós próprios e sobre as nossas práticas, no que isso implica de formação contínua que vá aperfeiçoando os nossos conhecimentos e qualificando as nossas competências (Josso, p.15, 2004).

A autoformação constitui-se como um eixo central da docência, indo além da aquisição de competências técnicas. Trata-se de um processo existencial e contínuo de autoavaliação, desconstrução e reconstrução do sujeito, que possibilita a expansão da identidade pessoal e profissional. Nesse percurso, o exercício do autorrespeito e da vigilância de si mesmo promove uma reflexão profunda sobre o sentido da existência e da atuação profissional como educador.

Ser professor é, antes de tudo, estar em constante formação de si. É um exercício de lapidação cotidiana que se realiza no fazer pedagógico, nas relações estabelecidas e nos desafios enfrentados. O docente não apenas exerce uma função, mas se transforma por meio dela. A construção do saber docente está, portanto, intrinsecamente ligada à autotransformação, um movimento que parte do interior do educador e realiza-se na medida em que ele se compreende, redefine e posiciona frente aos contextos pessoais, sociais e institucionais nos quais atua.

A identidade docente é um processo em permanente construção. Como afirma Tardif (2010), ela consolida-se ao longo da prática, à medida que o professor inscreve marcas de sua atividade, tecendo a sua cultura profissional e seu *ethos* existencial. Trata-se de uma identidade fluida, marcada por histórias, memórias e significados em constante ressignificação. Neste sentido, a autoformação exige que o educador torne-se um “pesquisador de si mesmo” (Loss 2015), capaz de voltar-se para a sua interioridade a fim de reconhecer o que precisa ser desenvolvido, superado ou reorientado, como afirmou Saramago (1998), ‘é preciso sair da ilha para ver a ilha’.

A formação docente não alcança um ponto de completude; ao contrário, exige abertura constante ao novo. A prática reflexiva torna-se, assim, um elemento estruturante da docência, permitindo a análise crítica das ações, a ressignificação das experiências e o aprimoramento contínuo do fazer pedagógico. Nóvoa (2007) destaca que esse movimento é indispensável para o exercício ético e comprometido da profissão, configurando-se como uma responsabilidade inerente à identidade docente.

A autoformação envolve, dessa maneira, um regime constante de reflexividade. A identidade profissional não é fixa, mas plural, dinâmica e situada. Exige por parte do educador a capacidade de pensar e repensar as suas práticas, de avaliar, questionar e reconstruir sentidos continuamente. A formação docente, nessa perspectiva, não pode ser compreendida como um processo meramente técnico de aquisição de saberes e competências, mas como uma travessia existencial, na qual o sujeito (re) descobre-se por meio das experiências vividas, das narrativas que constrói sobre si e das relações que estabelece com o mundo.

Essa concepção de formação encontra respaldo na abordagem desenvolvida por Marie-Christine Josso (2007), para quem toda trajetória formativa está inevitavelmente vinculada às questões da existencialidade e da identidade. Segundo a autora, “todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade — identidade para si, identidade para os outros” (Josso, 2007, p. 414).

Neste sentido, formar-se não é simplesmente acumular saberes externos, mas atribuir sentido ao vivido, escavar o próprio ser para compreender-se em meio à complexidade da existência.

A narrativa da trajetória de vida torna-se, assim, um instrumento pedagógico poderoso, capaz de revelar o modo como o professor constitui-se em sua prática, que influências moldaram-no e quais rupturas foram necessárias para que assumisse a sua identidade com autenticidade. Essa perspectiva rompe com a linearidade dos modelos formativos tradicionais e valoriza o caráter singular, processual e emocionalmente implicado da docência.

O educador forma-se nas vivências cotidianas nas salas de aula, nos conflitos, nos encontros, nas alegrias e nas frustrações. Cada gesto pedagógico carrega a marca de uma história; cada escolha didática reflete valores, temores, desejos e esperanças. A Pedagogia, quando vivida de forma consciente e sensível, exige por parte do professor um olhar atento sobre sua própria trajetória, em consonância com a ética do cuidado. Cuidar de si, acolher as suas vulnerabilidades e investir no próprio desenvolvimento humano são condições fundamentais para cuidar do outro de forma ética, respeitosa e empática.

A autoformação, nesse contexto, ultrapassa a dimensão individual e adquire um caráter relacional. Ao formar-se, o educador amplia a sua capacidade de estabelecer vínculos, de ouvir e de envolver-se com o outro de maneira mais genuína. A formação do ser docente passa, portanto, pela integração entre razão e emoção, entre saber e ser, entre técnica e afetividade. A Educação Emocional, nesse horizonte, deixa de ser um componente periférico para assumir o papel de fundamento estruturante da formação docente.

Ao valorizar a vida como espaço formativo, Josso (2007) convida a reconhecer o saber vivido como elemento legítimo da prática educativa. A construção da identidade docente torna-se, assim, um processo narrativo, afetivo e inacabado, que se renova continuamente à luz das experiências, das reflexões e das interações. Formar-se, afinal, é afetar-se, emocionar-se e comprometer-se com uma prática pedagógica que tenha o humano como centro e como sentido do ato de educar.

Dessa forma, compreender a formação docente como um percurso existencial e sensível implica reconhecer a potência das experiências vividas na construção de saberes. Ao integrar razão, emoção e ética do cuidado, reafirma-se a importância de uma prática pedagógica comprometida com a escuta, a empatia e o reconhecimento da singularidade de cada sujeito. Educar, nesse horizonte, é mais do que transmitir conhecimentos — é criar vínculos, construir sentidos e promover a humanização no cotidiano escolar.

## Considerações finais

Pensar a formação docente a partir da integração entre Educação Emocional, ética do cuidado e autoformação é reconhecer que o exercício da docência exige mais do que competências técnicas ou domínio de conteúdos. Exige presença afetiva, responsabilidade ética e compromisso existencial. Ao compreender o professor como sujeito de sua própria história, torna-se possível valorizar os saberes experienciais e narrativos como elementos centrais da prática pedagógica.

Nesse percurso, as emoções deixam de ser vistas como entraves à racionalidade para tornarem-se aliadas da reflexão e da ação educativa, funcionando como indicadores que

orientam decisões pedagógicas e relações interpessoais. A Educação Emocional emerge como um componente formativo essencial, promovendo saúde mental, empatia e qualidade nos vínculos educativos.

A Educação Emocional na formação docente, conforme discutido por Loss (2023), destaca a importância de integrar competências emocionais no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, a autora argumenta que a formação de professores precisa incluir o desenvolvimento da inteligência emocional, permitindo que educadores compreendam e gerenciem as suas próprias emoções, além de reconhecer as dos estudantes. Essa abordagem não apenas melhora a relação professor e estudantes, mas também contribui para um ambiente escolar mais saudável e empático, essencial para o aprendizado efetivo e a formação integral dos estudantes.

A ética do cuidado, por sua vez, propõe uma postura sensível, relacional e comprometida com o bem-estar do outro. Mais do que uma norma, ela apresenta-se como uma escolha cotidiana que humaniza o fazer pedagógico e aproxima o educador de seus estudantes de forma mais significativa e autêntica. Dessa forma, inserir a ética do cuidado no campo da educação significa reconhecer e conceder aos envolvidos no processo acadêmico formativo, o direito de cidadania, que envolve a capacidade de sentir a si mesmo e ao outro, de cultivar a compaixão e de valorizar a dimensão estética do ser humano.

Por fim, a autoformação revela-se como o alicerce desse processo integrador, pois convoca o professor a olhar para si, reinterpretar a sua trajetória, reconhecer as suas vulnerabilidades e reconstruir continuamente a sua identidade. Esse movimento exige escuta, coragem e disposição para afetar-se e transformar.

A docência, nessa perspectiva, é uma travessia existencial, relacional e inacabada. Cada professor forma-se enquanto forma outros, afetando e sendo afetado, construindo sentidos e valores que transcendem os muros da escola. Valorizar a dimensão humana da formação docente é, portanto, investir em uma educação mais sensível, ética e conectada com os desafios do mundo contemporâneo.

Em última análise, a integração da Educação Emocional, da ética do cuidado e da autoformação representa um paradigma transformador na formação docente, que transcende a mera transmissão de conhecimentos e habilidades técnicas. Ao capacitar o educador a ser um sujeito integral, consciente de suas emoções, empático com o outro e profundamente comprometido com a profissão, a Educação Emocional e a ética do cuidado o possibilitam a resolução de complexos desafios do cenário contemporâneo.

A ética do cuidado e a Educação Emocional são potentes no que se refere a construção formativa humana no cenário educacional. Pois, não apenas enriquecem a prática pedagógica, mas também promovem o desenvolvimento humano integral de todos os envolvidos no processo educativo, culminando na construção de uma educação de qualidade pautada na humanização das relações, do cuidado e da ressignificação do ato de aprender e ensinar.

A docência é uma travessia existencial marcada pelo encontro entre razão e emoção, técnica e sensibilidade, individualidade e alteridade. Integrar a Educação Emocional e a Ética do Cuidado aos processos formativos significa resgatar o caráter humano e relacional da educação, possibilitando ao professor reconhecer-se como sujeito em constante construção. A autoformação, sustentada no cuidado de si, do outro e da profissão, constitui o alicerce para a

(re)construção de uma identidade docente mais consciente, empática e ética. Promover uma educação emocionalmente alfabetizada e eticamente comprometida é, portanto, um gesto de esperança — a utopia que, como lembrava Galeano, nos impulsiona a continuar caminhando.

## Agradecimento

Financiamento: EDITAL FAPERGS 09/2023- PROGRAMA PESQUISADOR GAÚCHO – PqG.

## Referências

- BAPTISTA, Isabel. **Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético**. Porto: Profedições, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- DAY, Christopher. **A paixão pelo ensino**. Porto: Porto Editora, 2004.
- DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Rio de Janeiro: L&PM, 1994.
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 411-430, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2741>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LOSS, Adriana Salete. Educação emocional e profissão docente: processos autoformativos. **Gavagai**, Chapecó, v. 7, n. 2, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/GAVAGAI/article/view/11272/7300>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- LOSS, Adriana Salete. **Formação de Professores/Educadores: (Auto)Formação pessoal, social e profissional**. Curitiba: CRV, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- PACHECO, José. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 16).

SOBRAL, Catarina; CAETANO, Ana Paula; FREIRE, Isabel. Emoções e ética na formação de formadores: a complexidade em ação. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 33, n. 106, p. 119-138, 2018. DOI: 10.21527/2179-1309.2018.106.119-138. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/7847>. Acesso em: 8 abr. 2025.

STEINER, Claude. **Emotional literacy**: intelligence with a heart. Fawnskin, CA: Personhood Press, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice; NUNEZ MOSCOSO, Javier. A noção de “profissional reflexivo” na educação: atualidade, usos e limites. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 388-411, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/69mhr9WnGpWwBmbcS6prj5h/?lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2025.